

NARCISO E O ASSASSINATO DO TEMPO
(versão atualizada de trabalho apresentado na Jornada SPRGS 2013)
Marli Bergel
(psicanalista SPPA)

Resumo:

Através do mito de Narciso a autora estuda como se processa a noção de temporalidade naqueles que devido a precoces situações traumáticas permanecem autocentrados devido a dificuldades na constituição do narcisismo primário em seu desenvolvimento. O “assassinato do tempo” é uma expressão utilizada por Green ao se referir a tentativa de impedir a marcha do tempo na compulsão à repetição do além do princípio do prazer. Para desenvolver o tema, além deste autor serão abordadas idéias de outros autores como Roussillon, Botella, Marucco e outros.

Descritores: narcisismo primário, compulsão a repetição, temporalidade, ritmo

Violentada sexualmente por *Céfiro* (deus das águas) a ninfa *Liríope* deu à luz a *Narciso*. Preocupada com o futuro do filho, concebido em tais circunstâncias, consulta *Tirésias* e este lhe diz que *Narciso* teria vida longa desde que jamais contemplasse sua própria figura.

Narciso tornou-se um jovem muito belo, despertando desejo em muitos e muitas jovens sem corresponder a seus anseios. Certa vez detendo-se para beber de uma fonte apaixona-se por sua própria imagem. Ali fica tentando insistentemente segurar a mesma, mas o espelho d'água se quebra em cada tentativa. Assim passa-se o tempo e *Narciso* morre à beira da fonte esperando alcançar a união amorosa com a imagem que o fascina.

Em uma versão de *Oscar Wilde* sobre o mito, este recria a morte de *Narciso*: As ninfas, acabrunhadas, pediram à Fonte água, para chorar a morte de *Narciso*. E a Fonte respondeu que ainda quando todas as suas águas fossem lágrimas, não bastariam para chorar sua morte. – “*Vê-lo bastava para amá-lo!*”; exclamaram as ninfas. – “*Sim, era tão belo!*” E a Fonte pergunta surpresa: “*Ah, era belo?*”. Respondem as ninfas: – “*Tu sabes melhor do que ninguém, pois Narciso passava todo o dia inclinado sobre o espelho de tuas águas, contemplando-se!*” A Fonte responde: “*Pois se eu o amava era porque gozava, vendo em suas pupilas o reflexo de minha própria beleza.*” (Gaytan apud Mayer, 1989)

O mito servirá apenas como um estímulo para pensar sobre como se processa a noção de temporalidade naqueles que feridos em sua subjetividade como *Narciso* permanecem presos a própria imagem. Prisão que não permite que a libido circule entre o eu e o outro (Freud, 1914). Nas patologias do narcisismo o tempo não leva a transformações, e sim apenas a repetição do mesmo.

Sabemos que o tempo se constitui na relação com o outro. De acordo com *Green* (2001), o tempo do outro se interpenetra com o tempo do sujeito a partir do ritmo das aparições e desapareções do objeto. Objeto com papel fundamental no desenvolvimento do processo secundário no indivíduo, pois dependendo como conduz estes ritmos ajuda a criança a tolerar esperas, suspender ou postergar a descarga. Assim auxilia na ligação

e transformação das pulsões, conseqüentemente no desenvolvimento do juízo de realidade e da capacidade simbólica do sujeito.

No entanto, se este objeto for como a Fonte que não vê as necessidades e ritmos próprios do bebê Narciso, é muito provável que esta criança enfrentará um sério problema para se constituir enquanto indivíduo. Traumatizada irá buscar ao longo da vida reparar o dano. Poderá entrar num círculo vicioso baseado na compulsão a repetição onde em busca de ligação, repete como Narciso a tentativa de segurar a imagem desejada vendo-se, a toda hora, impedido pela quebra do espelho d'água. E assim, sem conseguir descentrar-se de si mesmo, desmente a passagem do tempo.

Winnicott (1990) observou que quando a criança não é atendida em suas necessidades, ao invés do ambiente adaptar-se à criança que nasce, é ela que deve adaptar-se ao mesmo. Assim se dará uma adaptação forçada, ao preço de uma clivagem do ego que priva este de uma parte essencial dos processos maturacionais e integradores. O resultado acaba sendo o apagamento da diferença das gerações e a desorganização do Édipo que ela implica. (Roussillon, 2006)

Para que o princípio do prazer se institua, a exigência de trabalho psíquico imposta à criança não deve exceder sua capacidade de ligação. Na medida em que existir uma harmonia suficiente entre ritmo interno, traço interno da experiência de satisfação e percepção exterior, a pulsão não será vivida de forma violenta, o que favorece sua ligação e transformação. A harmonia entre interno e externo dependerá, portanto, do ritmo da presença/ausência do objeto. Ao impulso rítmico interno deve corresponder a presença externa do objeto.

Para sentir-se plenamente agente do que nela se passa, é necessário que o ambiente dê um tempo suficiente para cada uma das atividades da criança.

Roussillon (2012) destaca que “num bom ritmo, os cuidados maternos aparecerão à criança como significantes da união simbiótica harmoniosa primária. Ao contrário, a desarmonia e a disritmia darão a esta uma impressão de um mundo incontrolável – se tudo vem muito depressa -, ou de um mundo desesperador – se tudo vem muito lentamente -, e ambos os casos resultarão em rejeição, em submissão passiva ou numa experiência de aniquilamento da capacidade de satisfação. A criança não pode então *ser o seio*. Ao invés disso torna-se *seio mau*. Ao inscrever-se na indiferenciação subjetiva primária, enquistada no narcisismo primário, tais experiências, demasiado repetidas, deixarão na criança um núcleo de culpabilidade primária – ela não foi capaz de “criar” um mundo satisfatório e adaptado”. (p. 237)

Num ritmo muito rápido, segue o autor, a criança se sentirá despossuída, liquefeita, inconsistente, exposta a angústias de esvaziamento, de despejo – que ela poderá então voltar contra si mesma numa defesa paradoxal, em vez de refleti-las. Num ritmo muito lento, a experiência perderá seu sentido, seu valor e sua vida, mobilizando uma angústia de perda de objeto e de abandono.

É o ritmo dessa experiência entre o par pulsão-objeto, seu período, que sustenta ao mesmo tempo seu caráter apropriador e seu caráter vivo, animado. Sustenta o autor, que o ritmo suficientemente bom permite-lhe constituir-se como fonte da excitação pulsional, e lhe dá o tempo de localizar e organizar esta.

O tempo da mãe é diferente, em essência, do tempo da criança. Por isso, salienta Green (2008), “a mãe deve se identificar regressivamente com a criança, e a criança, progressivamente com a mãe. É a partir dos encontros intermitentes entre mãe e criança que as funções de objeto vão ajudar a integração dos sentimentos de amor e de ódio, tanto quanto aquelas relacionadas com construtividade e destrutividade, e sobre os modos de oscilação das experiências prazerosas e desprazerosas. Todos esses aspectos contribuem para a construção da experiência do tempo” (p. 220, 221).

Ainda Roussillon (2012) assinala que se o bebê não consegue identificar seus próprios estados internos no espelho parental primário (narcisismo primário), estes podem inclusive se deformar devido a um reflexo muito distorcido ou até se apagar por ausência de resposta do “duplo”.

O mesmo autor acredita que quando o objeto falha no desempenho de sua função de espelho, frustrando as expectativas narcísicas primárias, o sujeito tenta incorporar o objeto e a parte do *self* que ele sente ter sido confiscada pelo objeto. Ao grudar no objeto, o processo de luto pela perda do mesmo fica paralisado na base e aprisionado em um paradoxo, pois desistir do objeto implica também em desistir de uma parte do *self* que está seqüestrada dentro do objeto.

Não estaria Narciso procurando junto a Fonte o que lhe foi confiscado, seus próprios estados internos, desta vez, quem sabe, reconhecidos e traduzidos, para finalmente poder constituir sua identidade? No entanto, a Fonte não vê Narciso, não pode lhe fornecer o que busca. Como Narciso também não vê a Fonte, segue parado no tempo, esperando o que não vem, compulsivamente.

Green (2008) considera que na compulsão à repetição temos uma fantasia louca que nos diz que podemos parar a marcha do tempo, como se ao tentar pará-la efetuássemos um *assassinato do tempo*. A repetição não conhece outro destino, diz ele, que esperar sem fim o retorno do mesmo, inclusive quando poderia contentar-se provisoriamente com o retorno do semelhante.

Narciso não se contenta com amar e ser amado por Amênio, Eco, as ninfas, apenas sua própria imagem – o idêntico – lhe serve. Para amar o semelhante ou o diferente seria necessário renunciar a imagem narcísica de si mesmo (Leclaire, 1999), sua majestade - o bebê. Apenas assim seria possível uma vida de criação e de desejo onde o tempo é reconhecido e, portanto, capaz de efetuar transformações.

Green (2001) também sugere o termo *anti-tempo* para situações onde “tudo deve voltar ao ponto do qual partiu, nenhum conflito deve ser considerado com um mínimo de suspensão para elaborar-se e logo, possivelmente, superar-se. Tudo deve ser atualizado para esgotar-se no ato, não apenas para que nada progrida senão para que nada novo apareça” (p. 154).

Muitas vezes, a única realidade psíquica destes pacientes, refere o autor, é formada por objetos que apenas existem através do desapontamento ou desprazer que criam. Todo ódio próprio que habita neles reflete um compromisso entre o desejo de uma inextinguível vingança e, coexistindo com este, o desejo de proteger o objeto contra esses desejos hostis a ele dirigidos. Essa vingança nasce de uma ferida que os atinge em seu verdadeiro ser, e que incapacita seu narcisismo. Não perdoam o objeto por sua incapacidade de valorizá-los, pela sua ausência na ocasião em que mais necessitavam dele e pelo fato de que este objeto tem fontes de prazer diferentes deles próprios.

Sendo assim não podem melhorar, pois estão convictos de terem sido privados do amor a que tinham direito e, portanto, não aceitam abandonar o objeto sem que este lhes dê o amor devido até o final. Neste sentido, Green (1988) salienta que a reação terapêutica negativa é a prova de que as fixações no ódio são muito mais tenazes que as fixações no amor.

Onde predomina a destrutividade, tanto a representação dos objetos quanto os processos temporais que lhe são aderidos, são destruídos, resultando num tempo petrificado e impossibilitando a idéia da morte destes objetos no psiquismo. “O objeto é odiado, mas seu amor e sua presença permanecem de importância vital. Também a morte do objeto deverá ser ao mesmo tempo buscada e repelida. A única maneira de

satisfazer essas exigências contraditórias seria congelar a experiência do tempo e negar as fantasias a ela ligadas” (Green, 2008, p. 226).

Na situação analítica, é grande o perigo de se estabelecer um diálogo de surdos onde a queixa de não estar sendo ouvido em sua demanda é constante. Green (2001) adverte que o que pode não estar sendo ouvido pelo analista é a necessidade do paciente de não ser ouvido em nenhum caso, para preservar o processo de repetição como único modo de investimento aceitável, posto que protege e perpetua *sua causa*, às vezes mais valiosa que sua vida, refere o autor. Ou seja, o *anti-tempo* se faz presente na relação transferência-contratransferência.

O paciente desta forma tenta evitar o confronto com a vacuidade. Se o “objeto mau” é deixado para trás, no passado, o temor é de que seu desaparecimento poderá deixá-lo confrontado pelos horrores do vazio, sem qualquer possibilidade de ser capaz de prover uma substituição na forma de um objeto bom, embora este último esteja disponível.

A compulsão a desfazer, ação da pulsão de morte, assassina o tempo. Do ponto de vista do par pulsão-objeto, a compulsão a repetição do além do princípio do prazer, surge da impossibilidade de elaborar uma solução aceitável, compatível, entre o funcionamento pulsional e o funcionamento do objeto primário. Uma precoce situação traumática impediu a instauração do princípio do prazer. Green considera que nestes casos a lógica do psiquismo sofre uma subversão. Subversão devido à predominância da auto-destrutividade (narcisismo negativo).

Ao predominar o narcisismo negativo que visa o retorno do psiquismo à sua tensão mínima, por evocação do princípio de Nirvana, revela-se a carência da constituição do narcisismo primário, indicando a falha do objeto em sua função primordial de ajudar na ligação e transformação das pulsões.

A vida, nestes casos, se detém no tempo do trauma e coagula a temporalidade, como se tudo o que é posterior ao trauma não fosse mais que um simulacro em que ela finge continuar (Green, 2001).

Também Marucco (1988) ao se referir à dificuldade que enfrentamos com estes casos coloca que esta reside no fato de que a repetição é preferível à recordação, pois a recordação não pode ser modificada, enquanto que na repetição existe a ilusão de modificação. Ou seja, a pessoa repete procurando evitar a recordação do passado traumático de privações onde o ego da identificação primária precocemente se enfrentou com o desamor. A dor psíquica que a lembrança pode trazer somente é tolerável mediante uma compensação, através da fantasia ou da “recordação” mítica do *ego ideal*, propõe o autor. Fantasia que encobre o traumático. Novamente o paradoxo, através da repetição atual do doloroso, o indivíduo mantém o mito da criança feliz. As injúrias narcisistas se atualizam na intenção de prolongar aquele “narcisismo primário”.

Ainda para este autor, a compulsão repetitiva dirigida a partir da estrutura narcisista é o engano pelo qual a pulsão de morte, em lugar de destruir o narcisismo primário, o faz presente e, com isso, o perpetua através do automatismo da repetição. Assim, a criança segue em seu encantamento, na medida em que a presentificação atual do trauma, ainda que dolorosa, oferece a perspectiva de um futuro, mas não qualquer futuro, senão um futuro idealizado.

Somente quando o paciente consegue reconhecer o traumático como passado é que este será definitivamente passado, somente então o tempo passa a existir. Se o paciente resistir em renunciar ao passado, refere Marucco (1988), não é porque seja traumático, senão porque renunciando ao passado teria que renunciar a um futuro: futuro ilusório do “quando eu crescer serei...”.

Ainda dentro desta idéia da repetição que coagula o tempo, Botella (2010) referindo-se a necessidade que os pacientes limítrofes têm de repetir a desesperança e a dor, assemelha-os às crianças mericistas, na medida em que regurgitam e tornam a engolir sua dor. São pessoas, enfatiza o autor, governadas pelo autoerotismo da desesperança, solução sentida como a menos perigosa, um mal menor frente à dificuldade insuperável que enfrentam.

O autor considera que este caráter demoníaco na repetição dos afetos, além de alimentar a experiência autoerótica da dor, provoca obstáculos no âmbito de funcionamento do pensamento. A dor invade toda a vida psíquica. As representações sucumbem diante da potência dos afetos dolorosos. O resultado é um esvaziamento do intrapsíquico, do representacional e da temporoespacialidade em benefício do atual, do presente, e do perceptivo.

Também Joyce McDougall (1987) considera que as medidas adotadas por pacientes muito feridos em seu narcisismo representam técnicas de sobrevivência. Diante do risco de perder de vista aquilo que lhe serve de anteparo na superfície das águas, Narciso prefere morrer, ou até mesmo lançar-se no poço sem fundo da fusão mortífera, a enfrentar o seu vazio interno, destaca a autora. Para salvaguardar seu equilíbrio narcísico institui um arranjo particular em sua relação com o *outro*, afastando-se do mundo dos outros, vivido então como uma ameaça para tão frágil equilíbrio, ou, por outro lado, apegando-se aos outros com uma sede de objeto, apenas saciada na presença daquele a quem incumbe à função de refletir a auto-imagem fugaz.

Se em conseqüência da frustração formos incapazes de amar, disse Freud (1914), estamos destinados a cair doentes. Em seguimento a ele, Green (1988) complementa, “mas como o Eu não pode nunca substituir totalmente o objeto, qualquer que seja a ilusão que o sujeito deseja manter a este respeito, encontrando um prazer de existir na solidão, em breve os limites desta operação se farão sentir. Será então necessário que os investimentos do Eu se enriqueçam com outro investimento endereçado a um objeto integralmente idealizado com o qual irá se fundir, da maneira como procedia com o objeto primário. É assim que uma serenidade pode, por fim, ser alcançada ao se encontrar no seio de Deus, desvalorizando ao mesmo tempo todas as alegrias simplesmente humanas” (p. 23). Alegrias que Narciso, talvez junto a algum dos jovens apaixonados por ele, pudesse sentir caso conseguisse renunciar ao objeto primário com o qual se mantém fusionado.

Procurando finalizar esta escrita: frente a tantas defesas adotadas por Narciso como técnicas de sobrevivência, frente à tendência a se repetir no campo analítico a repetição mortífera que coagula o tempo, que alternativa temos para que a temporalidade volte a ser um fator de mudança, de criatividade e de vida? Como auxiliar Narciso a se reconhecer no reflexo das águas, a se enfrentar com sua dor, com seu passado? Sabemos que somente assim poderá construir um espaço psíquico e tornar-se um sujeito. O próprio desejo para se constituir necessita que a pessoa se reconheça, já que é este que induz a consciência de separação e a consciência da dissincronia temporal com o objeto.

Se como analistas nos sentimos disponíveis e ouvindo a demanda, mas o paciente para perpetuar sua “causa” por uma incapacidade de fazer um luto pela perda do objeto, como referem os autores estudados, não se sente compreendido, como sair deste impasse? Precisamos ter muita paciência e *sobreviver*, como nos sugere Winnicott. Green observa que estes pacientes têm a necessidade de criar o desespero no analista e precisam verificar que o mesmo sobrevive e continua analisando o que se passa em seu mundo psíquico. Para passar da repetição mortífera à representação é

imprescindível que se constitua um diálogo e um espaço potencial que dará lugar a um processo de transformação subjetiva.

Esta transformação incluirá prantear a morte de Narciso (imagem narcísica de si mesmo), prantear a perda da indiferenciação com o objeto primário, aceitar que este como objeto do ambiente fez o que pode, estando ele mesmo vítima de seus próprios conflitos. Prantear a perda da fantasia de um futuro ideal. É extremamente doloroso ter de seguir em frente renunciando a tudo aquilo que o fez sobreviver até então, mesmo que fossem apenas simulacros.

Se o paciente conseguir renunciar a repetição, em prol da representação, o tempo se faz história. O tempo passado é substituído por um relato, historização do vivido, imprescindível para investir o tempo futuro.

A profecia de Tirésias de que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse sua própria figura assume outro sentido neste caso. Se Narciso realmente conseguir contemplar sua imagem, reconhecendo-a como sua e entrando em contato com a sua verdade, constrói um espaço psíquico (Cristeva, 1988) e torna-se um sujeito, morre Narciso e nasce Édipo. A repetição se faz representação. No entanto, se for incapaz de reconhecer a si próprio na imagem mantém a ilusão da imortalidade, desmente a passagem do tempo e o futuro não existe, seguirá se amparando em simulacros sem possibilidade de desejar, criar e realmente viver.

Referências Bibliográficas:

- Botella, C. Sobre os estados limítrofes. In: *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 17, nº 1, 2010
- Cristeva, Julia. *Histórias de Amor*. Paz e Terra Psicanálise. Rio de Janeiro, 1988.
- Freud, S. (1914) Narcisismo: uma Introdução. In: *Obras Completas*, Imago, Rio de Janeiro, 1974
- Freud, S. (1920) Além do Princípio do Prazer. In: *Obras Completas*, Imago, Rio de Janeiro, 1974
- Green, A. *Narcisismo de Vida - Narcisismo de Morte*. Escuta. São Paulo, 1988
- Green, A. *El tiempo fragmentado*. Amorrortu editores, Buenos Aires, 2001
- Green, A. *Orientações para uma Psicanálise Contemporânea*. Imago, São Paulo, 2008
- Laclaire, Serge. *Matan a um niño – ensaio sobre El narcisismo primário y La pulsión de muerte*. Amorrortu, B. Aires, 1999
- Mayer, H. *Voltar a Freud*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1989
- Marucco, Norberto. *Cura analítica y transferência: de La represión a La desmentida*. Amorrortu, Buenos Aires, 1998
- McDougall, Joyce. *Em defesa de certa anormalidade*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1987
- Roussillon, R. *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. Ed. Unisinos, São Leopoldo, 2006
- Roussillon, R. A desconstrução do Narcisismo Primário. In: *Livro Anual de Psicanálise*, XXVI, 2012
- Winnicott, D. *O ambiente e os processos de maturação*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1990.

Marli Bergel
marlibergel@terra.com.br